

Entrevista

Diálogo com Nara Oliveira

Hernán Venegas Marcelo¹

Uma entrevista com Nara Oliveira² – professora de Antropologia Cultural e Sociologia é um convite ao diálogo com a diversidade cultural de Foz do Iguaçu. Precisamente, a proposta da Revista SURES neste seu segundo número é reunir pesquisas relacionadas à cultura material e o patrimônio a partir de uma natureza interdisciplinar. Um viés singular no tratamento do patrimônio – também considerado como um espaço de convivências e apropriações entre diferentes comunidades culturais o traz o livro de Nara Oliveira *Foz do Iguaçu Intercultural. Cotidiano e Narrativas da Alteridade*, publicado em 2012 pela Editora Epígrafe.

Pela necessidade de refletir sobre aspectos do cotidiano da cidade – na qual os traços culturais são visíveis e ainda distam de serem reconhecidos em sua alteridade – a Revista SURES gostaria que esta entrevista contribuísse para que seus leitores reflitam sobre os vários significados do patrimônio em uma cidade intercultural e de fronteira. Assim, a SURES convida ao diálogo e à conversa – já entre vocês e a autora do livro, através das seguintes perguntas:

Revista SURES: Como se deu sua opção pelo tratamento ao tema que remete o título do seu livro?

Nara Oliveira: Há 17 anos (1996) fixei residência em Foz do Iguaçu. Desde então, Porto Alegre – cidade de onde vim e onde vivi por quase 30 anos – transmudou: transformou-se em “outro lugar”, adquiriu outros sentidos. O leitor deve estar pensando: “... sim, mas o livro não é sobre Foz? O livro é um questionamento reflexivo sobre Foz, estimulado por experiências vividas aqui e fora daqui a partir das quais brotam novos olhares, lógicas e significados acerca das cidades de origem e de destino dos sujeitos migrantes. A ambiência intercultural é, por si só, heterocrítica e provoca em alguma medida, inevitavelmente, a autocrítica. É impossível morar em Foz do Iguaçu e

¹ Entrevista concedida a Hernán Venegas Marcelo, membro do Conselho Editorial da Revista SURES.

² Graduada em Serviço Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Especialista em Metodologia do Ensino pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR e mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Professora de Antropologia Cultural e Sociologia no ensino superior do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas – UDC em Foz do Iguaçu.

ignorar a expressão dos contrastes, diferenças, heterogeneidades que configuram a Tríplice Fronteira. Vivemos cotidianamente os efeitos decorrentes desta realidade que apresenta como uma de suas faces mais nítidas o hibridismo resultante das trocas interculturais: na experiência da migração, visões de lá e de cá (origem e destino) são transformadas, significados criados, outros recriados e novas sociabilidades edificadas na busca permanente de sentidos que sustentem os pertencimentos. Como afirma Ramón Soriano, “...com a autocrítica nos convertemos em estrangeiros de nós mesmos, ao emprendermos uma autorreflexão sobre nosso mundo e valores colocando-nos no ponto de vista alheio” (heterocrítico). Vistas por esta ótica, auto e heterocrítica são meios para geração de novas perspectivas enriquecendo patrimônios culturais.

Revista SURES: No intuito de refletir sobre a convivência de vários grupos culturais em Foz do Iguaçu quais conceitos ou abordagens teóricas serviram para melhor relatar o cotidiano e as narrativas da cidade?

Nara: O estudo privilegia as contribuições teóricas cultivadas na interdisciplinaridade daqueles que entendem que a compreensão íntima sobre pessoas, espaços, coisas e circunstâncias se realiza na relação com a vida cotidiana. Sendo assim, o estudo toma a realidade local cotidiana enquanto perspectiva, tendo como foco as narrativas da alteridade dos imigrantes, pessoas comuns, sujeitos da pesquisa, que ilustram relações ambientadas no horizonte intercultural da Tríplice Fronteira. Quanto aos conceitos destacaria como principais: em Michel de Certeau, as artes de fazer a vida cotidiana funcionando como um processo de caça ilegal do território dos outros subvertendo a lógica dominante através do uso tático e estratégico de regras e produtos; em Fredrik Barth, as fronteiras sociais cultivadas pelos grupos étnicos que separam e unem, permitindo trocas interculturais e também o fortalecimento das identidades; em Michel Maffesoli, o cotidiano na pós-modernidade, as noções de uma nova presença no mundo – conhecimento comum, ação recíproca, potência de sociabilidade, identificações múltiplas – dentre outros enfoques; em Zygmunt Bauman, os estranhos como sujeitos fora do lugar uma vez que não se enquadram nas categorias próprias das narrativas modernas. As concepções de multiculturalidade, interculturalidade e alteridade são constructos dialógicos que resultam da influência de muitos autores, a exemplo de: Clifford Geertz, Homi Bhabha, Stuart Hall, Néstor García Canclini, Pierre Bourdieu,

Salman Rushdie, Jacques Derrida, Edward Said, Talal Asad, Ernest Gellner, Andrea Semprini, Marc Augé, Roberto DaMatta, Abdelmalek Saiad e Yi-Fu Tuan e Ulf Hannerz.

Revista SURES: Em que medida as histórias de vida que dão corpo ao seu relato permitem enxergar outras “cidades invisíveis” dentro de Foz do Iguaçu?

Nara: O terceiro e último capítulo do livro trata das estratégias etnoespaciais. Discute a memória espacial e a identidade cultural declaradas, preservadas e perpetuadas nos marcos de grande visibilidade (bairros, ruas, prédios e monumentos) evidenciando o poder das representações simbólicas impressas no patrimônio material de algumas minorias estrangeiras. São formas que expressam códigos culturais contrastantes e ao mesmo tempo notabilizam códigos econômicos similares. Por outro lado, os grupos minoritários cujas forças econômicas não permitem expressar emblematicamente seus códigos culturais, insinuam-se e enunciam-se combinando e permutando espaços, produtos e equipamentos disponíveis na cena urbana, promovendo performances cotidianas como desfilar trajes, estampas e acessórios, realizar exposições itinerantes, manter acervos domiciliares, exibir ícones culturais nas fachadas das casas ou de pequenos estabelecimentos comerciais, dentre outras tantas práticas. Os usos, exibições e apropriações dos espaços urbanos expressam a maneira que estes grupos encontram de identificarem-se com a cidade e por ela serem identificados. Importa salientar que este processo de identificação está diretamente relacionado à preservação das ruas, parques, praças, parques e demais espaços e monumentos urbanos e também à construção de imaginários sobre a cidade inexistente, aquela que se revela nos mapas e traçados imaginados/pensados pelo povo. É necessário participar da urbe negligenciada, aquela onde vive a maioria das pessoas que faz anonimamente este território intercultural, para enxergá-la e interpretá-la.

Revista SURES: Relacionado à pergunta anterior, poderia enumerar quais mitos sobre a imagem da cidade de Foz do Iguaçu seu livro contribui para desmitificar?

Nara: Há muito para se descobrir acerca da diversidade de percepções espaciais que abastecem o imaginário sobre Foz do Iguaçu. Quanto mais heterogênea a coletividade,

maior o repertório de representações. O imaginário constitui-se de esquemas perceptivos múltiplos: há aqueles esquemas que guardam profunda elusividade porque estão contidos no universo particular dos atores sociais e aqueles que se mostram enfáticos e persuasivos, geralmente associados aos interesses políticos dos que se autodenominam formadores de opinião. A título de ilustração vale apresentar contrapontos a conteúdos dogmáticos presentes em algumas das tantas sentenças prescritivas entoadas nos corredores, bastidores e palcos da fronteira:

O imigrante nômade-forasteiro: a pesquisa evidencia que, a exceção de um participante que planeja retornar para o país de origem, todos os demais pretendem permanecer em Foz do Iguaçu.

A topofilia – o afeto pelo lugar – é prerrogativa dos nativos: contrariamente ao que se pensa, os imigrantes cultivam vínculos com a cidade. O fato de que o processo de adaptação, inclusão e aceitação depende da capacidade dos estrangeiros para promover interfaces com pessoas, espaços e instituições, exige destes sujeitos ações conscientes e estratégicas no sentido de otimizar traduções para compreensão das lógicas e ordenamentos operados no local de destino e, simultaneamente, para que seus códigos culturais sejam compreendidos pela população da cidade.

Foz do Iguaçu não tem identidade em razão dos estrangeiros: um dos traços identitários mais expressivos de Foz do Iguaçu é a diversidade cultural. A afirmativa, que a princípio parece paradoxal, parte da constatação de que a condição plural da diversidade é uma característica singular da cidade ou traço de diferenciação, portanto, identitário.

A convivência pacífica entre os povos na fronteira: a retórica nos discursos políticos e midiáticos assevera a convivência pacífica entre os coletivos culturais presentes nos espaços de fronteira, entretanto, observa-se que este ambiente pacífico interétnico muitas vezes, limita-se ao uso partilhado do território geográfico, pouco estimulando contatos interculturais.

Revista SURES: Qual o lugar da fronteira dentro do relato do cotidiano e das narrativas da alteridade do seu livro?

Nara: Neste complexo transfronteiriço, as fronteiras geográficas internacionais oficiais, marcadas pela determinação normativa, atuam em consonância com as fronteiras afetivas/ simbólicas, marcadas pela indeterminação. A lógica representada pelas fronteiras geográficas, interiorizada nas fronteiras simbólicas, garante que estas funcionem como importante componente de apoio e sustentação àquelas ao adotarem, para construção dos núcleos relacionais (famílias, parentelas, grupos étnicos), lógica excludente similar à praticada para defesa dos territórios nacionais. Todavia, ambas separam e unem épocas, pessoas, grupos e práticas a depender das negociações e articulações operadas no enfrentamento cotidiano dos limites previstos nos códigos estabelecidos, sejam eles – os códigos – mapeamentos e ordenamentos formais ou simbólicos. Esta zona de fronteira é, portanto, o espaço social construído cotidianamente por pessoas e grupos cujos pertencimentos situam-se além dos territórios. Logo, trata-se do lugar da negociação, da elasticidade dos sentidos, das redes que se conectam e se interceptam.

Revista SURES: Do ponto de vista prático qual você consideraria o principal aporte do seu livro?

Nara: Penso que a defesa da alteridade, a investigação e a discussão em torno dela, seja o principal aporte do livro. A vivência cotidiana da alteridade leva-nos à constatação incontestável de que esta condição inevitável somente pode ser vivida e compreendida na relação com o outro. Refletir quanto as histórias que nos contam e que contamos sobre os outros, sobre as origens dos preconceitos, estereótipos, hierarquias e binarismos construídos para significar as diferenças, ajuda-nos a identificar como as estratégias de poder empreendidas para neutralizar as diferenças em nome de uma racionalidade humana homogeneizadora tornaram-se conduta padrão nas relações de poder. A presença heteróclita, o contraste, o não enquadramento, a insurgência, a rebeldia, o sentimento de estrangeiridade são a expressão da alteridade humana. Os espaços e práticas cultivados na Foz do Iguaçu Intercultural se encarregam de ensinar que nossa existência só é humanamente possível se povoada de outras existências e tanto mais humana será a existência, quanto mais alteritárias forem as relações.